

União das Juventudes Sindicalistas

A Cruzada Social

Eu não costumo ler *O Combate*, pois que, além da *Batalha*, mal me chega o tempo para passar rapidamente os olhos por uma ou outra gazeta de informação, o que bem raras vezes acontece. Não admiraria, pois, que um *socialista* publicado ontem naquele jornal socialista passasse despercebido para mim se um amigo me não chamasse a atenção para ele.

É o caso que a comissão instaladora da «Cruzada Social» me convidou a assistir a uma reunião, que parece convocar não só para quando, afim de provar as afirmações que fiz no meu artigo — segundo diz — compromettendo-se a comissão, sob sua honra, a respeitar a minha pessoa dentro da sua sede.

São convidados igualmente os trabalhadores conscientes a assistir à mesma assembleia, a fim de ouvirem as considerações feitas por mim na *Batalha*, a respeito da honestidade e fins desta instituição de beneficência.

As minhas acusações serão tomadas como difamação — diz a comissão da Cruzada Social — se eu não aparecer à reunião convocada, reservando-se a mesma comissão o direito de proceder como melhor entender.

Eu lamento que os membros da Cruzada Social tivessem dado às minhas considerações, publicadas na *Batalha* de 23 do corrente, a interpretação que se lhe poderia dar. E, longe de responder aos seus convites e às suas ameaças, indignas de quem se afirma a *littere* consciente do futuro, eu volto a abordar o caso, mais para fazer incidir sobre ele a atenção dos trabalhadores a quem ele interessa, do que para dar explicações à Cruzada Social que não se mostra disposta a compreender-me, nem, o que é pior, a discutir com serenidade os argumentos apresentados por mim.

Expuz eu no meu citado artigo, quatro perguntas que julguei e julgo indispensáveis para poderem tratar do assunto. Dizia: «Efectivamente, os serviços de saúde são, entre nós, pessimos; mas os serviços oficiais, os serviços hospitalares.

Então sim, a iniciativa seria proveitosa, criando hospitais onde os operários encontrassem um tratamento perfeito e completo que os hospitais do Estado lhes não proporcionam».

Ora esta é a minha opinião, que eu gostava de ver contestada, para poderem fazer luz sobre o caso.

Eu continuo supondo de impossível efectivação a ideia da «Cruzada Social». Impossível ao ponto em que ela se poderia tornar útil. E, como me julgo com o direito de pensar como eu quiser sobre todos os assuntos, e de discutir todos os casos que me possam interessar, emiti o meu desacordo com a ideia, nunca supondo que as minhas afirmações fossem tomadas como um ataque individual aos membros da «Cruzada», que eu não conheço.

E tanta vontade tinha eu de ver aclarada a coisa que a coloquei nestes pontos:

«Julga a comissão da «Cruzada Social» possível a realização dessa obra? Quanto supõe ela ser necessário para a criação da «casa de saúde» nestas condições? Quanto calcula que o Estado gasta com os deficientes serviços hospitalares? Julga possível a «Cruzada Social» amontar dois ou três mil contos para poder, eficazmente, dar execução à projectada obra?»

«Poderá parecer a alguém que não houvesse, da minha parte, vontade de discutir o assunto, tratando-o deste modo?

Entendi, e entendo, que os fins da «Cruzada», para mim ainda um tanto obscuros, eram irrealizáveis, mas não quiz affirmá-lo porque me faltavam os elementos para o fazer. Pedi-os; e a comissão instaladora da «Cruzada», em vez de responder às minhas perguntas que viriam colocar a questão nos devidos termos, nem uma palavra me diz de concreto, e vai para um jornal que eu não leio, e que era estranho ao assunto, convidar-me não sei a quê e ameaçar-me não sei com quê.

Pois não seria mais correcto que a «Cruzada Social» viesse, por intermédio da *Batalha*, que para esse fim se puz à sua disposição, contestar com dados, com elementos, com argumentos concretos e positivos, as minhas afirmações?

Foi aqui que levantei a questão; e é aqui que entendo ela deve ficar derreda. E enquanto assim não acontecer, não tenho que responder a ninguém, nem em assembleias, nem seja onde for.

Que venham argumentos... que venham argumentos. Se vierem voltarei a falar da questão; se não, calar-me-ei. As ameaças e as incorrecções não me parecem resolverem o problema.

Nos meus hábitos não está servir-me delas, nem responder aos que, com elas, se me dirigem.

G. GONÇALVES

dos que estavam inscritos desistem da palavra em face deste aviso, e o relatório da direcção do coire de resistência dos caixeiros portugueses é aprovado. A sessão é interrompida nesta altura, em virtude de faltar a luz. São 23,30. Os trabalhos recommençarão amanhã pelas 8 horas.

Os congressistas confraternizam

Um copo de água na Associação dos Caixeiros de Santarém
SANTARÉM, 29. — Ontem à noite, após a interrupção da sessão e a convite da Associação de Classe dos Caixeiros de Santarém, dirigiram-se todos os congressistas à sede da colectividade, acompanhados pelos representantes da imprensa.

Uma vez ali, foi-lhes oferecido um copo de água, trocando-se vários e entusiásticos brindes, e sendo levantados vivas à organização operária, à *Batalha*, à Internacional do Proletariado, etc., etc.

Pouco depois retiraram os congressistas verdadeiramente sensibilizados pela amabilidade do caixeiro de Santarém que, por todas as formas, tem patenteado aos seus camaradas de todos os pontos do país a máxima simpatia e solidariedade.

Brevemente
NOTAS & COMENTÁRIOS
por Perfeito de Carvalho

A classe dos barbeiros

reúne hoje em assembleia magnapara tratar dos seus mais caros interesses

Atravessa agora a classe dos barbeiros uma das mais importantes fases da sua existência colectiva. Está pendente da resolução patronal a reclamação de aumento de salário que apresentaram. Além disso, há que impôr a efectivação do novo horário de trabalho. Quanto ao aumento de salário sabe-se que nada há de mais justificável, sendo a classe dos barbeiros aquela que menor percentagem de aumento tem conseguido desde o início da guerra. O patronato mostra uma relutância extraordinária em conceder maiores salários, e é justamente essa relutância que tem de ser vencida.

Quanto ao horário de trabalho, não pode nem deve a classe dos barbeiros prescindir de uma regalia que as outras classes estão firmemente dispostas a fazer respeitar.

Estas importantíssimas questões serão ventiladas na assembleia que a classe dos barbeiros promove hoje. De crer é pois que, atenta a gravidade dos assuntos a debater, não deixará de comparecer lá, como lhe cumpre, nenhum dos interessados.

A apreensão do arroz à Companhia Mercantil

O tribunal arquivou o processo, ficando a Companhia impune

Sr. redactor. — Para que os leitores do seu jornal e todo público, avaliem bem qual a acção dos tribunais contra os assambradores e envenenadores do povo vou expor a v. o seguinte facto:

No dia 5 de Abril do corrente ano, procedi nos armazéns da Companhia Mercantil, com sede na rua de S. João, à apreensão de 15.700 quilos de arroz que em virtude da análise feita por um engenheiro agrônomo oficial, foi dado como impróprio para o consumo, por se encontrar todo cheio de bichos. Nesse mesmo dia, o sócio gerente da referida Companhia sr. Melo e Sousa, tentou subornar-me com a quantia de 10000 para eu não fazer a apreensão, quantia essa que eu aceitei, fazendo também a apreensão e enviando-a, juntamente com os respectivos autos para o 2.º juízo de investigação criminal no tribunal da Boa-Hora, cujos autos mencionavam as testemunhas oculares da entrega dos 10000.

Pois bem: No cartório do escrivão Vidal fui informado de que os respectivos processos tinham sido arquivados, por: o do arroz não pertencer àquele tribunal mas sim ao das transgressões, e o do suborno por falta de provas...

Ora francamente... Então porque não enviou, o senhor juiz do 2.º juízo, os ditos autos à sua proveniência para que eles seguissem depois para os tribunais respectivos?

Como se pode também arquivar um processo por falta de provas, pela simples razão de o processado negar, quando existem testemunhas presenciais e ir junto à participação a prova-crime que são os 10000?

Dar-se há o caso que fosse eu que tivesse pegado na minha carteira e tivesse tirado dela os 10000 e tivesse mandado para o tribunal, só pelo simples prazer de fazer ardeir o sr. Melo e Sousa, que também me propoz um negócio de açúcar para Coimbra, e que não aceitei, porque sou honesto?

Sim, naturalmente seria eu, que aufero um belo e chorudo ordenado de 55550... e que dá o bastante para eu gratificar as testemunhas, entre elas um guarda cívico.

E o que é mais para notar, sr. redactor, é que os 15.700 quilos de arroz que em 5 de Abril do corrente, foram dados como impróprios para o consumo público, vão ser entregues à Companhia Mercantil que por sua vez impingirá ao Zé Pagante por bom preço, envenenando-o.

Desculpe-me, sr. redactor, o tempo que lhe roubo, mas casos destes são dignos de registro, para que todos fiquem sabendo a protecção que gosam aqueles que nos roubam e envenenam.

De v. sempre ao dispor, Carlos Anhão Marques, agente de fiscalização.

Arsénio José Filipe

Este operário recebeu do camarada João Pinto, as seguintes queixas, abertas no Município Miguel Bombarda: pintores, 1510; carpinteiros, 1581; caixeiros, 2517; pedreiros, 1537; na obra da Morgue foi aberta outra queixa que rendeu 1553.

Pelo camarada Arpégio Veríssimo foi entregue ao operário Arsénio José Filipe, preso na cadeia do Lameiro, a quantia de 7501, produto de uma queixa aberta na obra da escola Machado de Castro.

Correio transatlântico
Pelo vapor *Holândia* são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Aires, sendo às 12 horas a última tiragem da caixa geral.

COLUNA ESPERANTISTA

Esperantista Flegisto
Reinú no sábado a comissão administrativa desta sociedade esperantista, tendo-se discutido e aprovado os estatutos. Foram admitidos novos sócios.

É amanhã, pelas 20 horas que começam as aulas de esperanto. A inscrição continua aberta para todos os trabalhadores.

Academias, Universidades e Escolas

Academia de Estudos Livres. — Reinú ontem a assembleia geral, com extraordinária concorrencia, para tratar da questão suscitada pela venda da propriedade onde a Academia de Estudos Livres está instalada. Todos os sócios que usaram da palavra, vieram a situação criada à Academia, que se vê abruptamente em risco de ser desalojada, se não satisfizer o aumento exigido, que em verdade corresponde a um mandado de despejo, na renda a qual passou a ser de 53000 em vez de 8300 por mês como puzia até à data. Resolveu-se dar um voto de confiança à direcção para prosseguir na defesa dos interesses da Academia, infelizmente menos protegida pela lei do inquilinato do que a mais igual taberna ou academia tavolagem. Resolveu mais a assembleia, considerar-se em sessão permanente.

As greves

Corticeiros de Castelo Branco

Continua a greve dos corticeiros da fábrica Tavares & C., que declaram estar dispostos a lutar até que sejam atendidas as suas justas reclamações.

Os grevistas, que se mantêm numa atitude ordeira, tem reunido todas as noites para tomar conhecimento da marcha do movimento. Assim, na noite de quarta-feira, o comité deu conta do que se havia passado no governo civil, onde se tinha realizado uma conferência, pelas 14 horas da tarde, que consistia em o governador civil querer ouvir dos próprios grevistas quais as suas reclamações e até onde poderia ele chegar se pudesse conseguir alguma coisa do dito industrial Abílio Tavares, ficando de comunicar depois os resultados à associação.

Na quinta-feira reuniram novamente os grevistas, dando as comissões de vigilância conta da missão que lhes havia sido incumbida, declarando estar o arrogante Abílio Tavares carregando um vagão de cortiça, auxiliado pelo encarregado Fernando Agostinho e o sócio José Amores e também um corticeiro miliciano que havia chegado de uma aldeia dos arredores desta cidade.

No meio da reunião recebeu-se um officio do governador civil, comunicando à associação que tinha realizado uma conferência com o industrial arrogante, declarando-lhe este que só concedia 15% na carga e descarga de vagões, e que se prontificava a pagar as horas suplementares depois de entrar em vigor o horário das 8 horas de trabalho, e que despedia do seu trabalho os operários João Carqueija, Joaquim Serraqueiro e José Correia, dizendo o governador por sua vez estar embebido em tratar mais com a associação visto ter nos seus corpos directivos indivíduos ex-corticeiros.

Sobre a resolução do industrial, falaram diferentes camaradas repudiando a oferta dos 15,00 aos descarregadores que não mostra mais que um «truco», para fazer o carregamento de vagões que tem a carga.

Os grevistas resolveram não comparecer ao trabalho e protestar contra o despedimento de mais três camaradas, dois dias depois de estarem em greve, resolvendo a assembleia que se publique um manifesto, a fim de todos os trabalhadores sabermos as causas da greve, solicitando ao mesmo tempo o auxilio de todos para não serem emagados.

Mais resolveram que a direcção da associação se avistasse no dia seguinte com o governador civil, a fim de lhe declarar que a direcção está constituída legalmente, pois o camarada Vilhena está ao abrigo dos estatutos desta associação apesar de não trabalhar actualmente na classe.

A sessão terminou no meio do maior entusiasmo pois o moral dos grevistas indica que se não de manter firmes até conseguirem vencer a luta a que se abalançaram.

A fábrica encontra-se guardada pela guarda republicana.

O industrial apresentou queixa na administração do conselho contra alguns grevistas por estes fazerem propaganda junto dos seus camaradas, para não irem trabalhar.

Os grevistas reunem novamente esta noite.

Qualquer dia falaremos a propósito dum camarada que morreu por motivo dum acidente no trabalho na fábrica Tavares & C. Estamos coihendo os elementos precisos para podermos falar com clareza a propósito de tam grave acontecimento.

OS FERROVIÁRIOS

DE NOVO PARA A GREVE?

Assim de depreende do que diz o Sindicato Ferroviário

Da comissão administrativa do Sindicato Ferroviário, recebemos a seguinte nota officiosa:

A C. P., na maior parte das concessões que diz dar, que já nos tinham sido concedidas na maior parte, sendo pequeno o número das que faz agora, está animada de maus intuitos.

Vê-se, assim, da parte da C. P., manifestar má vontade para com o seu pessoal. Na ordem 123, a Companhia tirou as principais regalias que nos tinham dado, isto, claro está, por vingança, em vez de procurar conciliar. Nesta ordem de ideias e dadas as perseguições que faz ao seu pessoal, não deve ser estranhável ao público que aquele, desgostoso, se lance num novo movimento.

E essa nova greve a que, em breve, serão levados a cabo os ferroviários, que só pelo seu patriotismo, tanto tem feito pelo bem estar do país estão plenamente conscientes do seu dever ao reclamarem o que, de jus, lhes pertence.

No Parque Eduardo VII

Na segunda-feira foi comunicado à maior parte dos operários que trabalham no Parque Eduardo VII, que se fizesse inscrever para ir para os Baños Sociais, considerando-se suspensa dois dias, devendo ler *O Combate* (que pelo visto está transformado em *Diário do Governo*) a fim de ver quando devia retomar o serviço. A maior parte desses operários não esteve para comprar o organeco socialista, apresentando-se assim que decorridos foram os dois dias. Resolveu então o sr. Alfredo Franco, que grossa posta abelhou no budo dos Baños Sociais, que 150 desses camaradas fossem para Alcintra, devendo ficar 300 no Parque, transmitindo ordens para que esses operários comessem a ganhar na sexta, sábado e segunda, formando-se os respectivos grupos na sexta-feira. O sr. Aires de Sá, outro socialista que no Parque está anilhado, garantiu à comissão inter-sindical, que os operários ganhariam esses três dias. Porém, ontem, foi comunicado, aos camaradas que trabalham na Ajuda, que só começariam a ganhar a partir desse dia e, aos do Parque, que ficavam suspensos, ficando apenas com quatro dias garantidos de trabalho.

E o sr. Franco, na sua qualidade de defensor do proletariado, também terá sofrido uma igual redução nos seus «grossos honorários»?

TEATRO SÃO LUIS

A popular e divertida revista O Pé do meu

Vão ver hoje ao São Luis Como um trespasse feliz

Torria a «Pantufa» toda activa, E como do pé no chão, O peso do «Ranério»

Se transforma em «Roda-Viva»!

A questão da C. U. F.

As patrióticas «forças vivas» da nação recusam-se a pagar os impostos — O sr. Sá Cardoso está de acordo

Os industriais do Barreiro reuniram ontem na sede da Associação Commercial de Lisboa, afim de se occuparem do edital da Câmara Municipal daquele concelho, sobre matéria de impostos directos e com o qual a industria não concordava e que tem dado lugar a vários protestos, por conter, ao que parece, várias ilegalidades. Depois da reunião os industriais, acompanhados pelo sr. Alfredo da Silva dirigiram-se ao presidente do ministério a quem entregaram uma representação contra o edital. O sr. Sá Cardoso disse concordar com a exposição que acabara de lhe ser feita, mas que não podia ter interferência directa no assunto, porquanto os industriais, que poderiam ter recorrido dentro do prazo de 3 meses, após a afixação do edital, só agora vinham a apresentar a sua reclamação. No entanto procurará a realização dum acordo entre a industria do concelho e a Câmara.

Imprensa Nacional

No *Ordem de serviço* n.º 234, publicada ultimamente nesta Imprensa do Estado, vem um acto de justiça bastante serido, feito em virtude de uma reclamação de dois impressores. Até aqui o caso está normal, mas o que não pode passar, sem o devido reparo, são umas palavras do sr. Vicente de Sousa, publicadas nessa mesma *Ordem*, quando diz: «... tendo sido todos largamente aumentados...». Eis aonde está o gato.

Todos largamente aumentados, não é verdade. O aumento para o pessoal em preiteiro foi de 60 big e a carestia da vida é superior a 60 0/0. Agora para o sr. Vicente de Sousa o adverbio largamente é que, de justiça, tem razão de ser e, senão, vamos a cifras, porque, na matemática, por enquanto, não há batalha: é a eloquência dos números:

S. ex.ª, antes dos aumentos, vendia, anualmente, 648500; tem actualmente, 1.400500, ou seja, o seu aumento de 752500, ou seja, por percentagem, de 116 0/0; logo o adverbio largamente, a aplicar-se deve a S. ex.ª e não aos empregados da Imprensa Nacional, que não se lhe fez completa justiça para arcar com o aumento da carestia da vida.

Largamente para todos, não; para S. ex.ª sim, fazendo contas certas.

Um preso esquecido

Dirigiu-se a esta officina o sr. José Gomes Neto a protestar contra o facto de seu filho Francisco Gomes Neto se encontrar há mais de 6 meses detido no forte de S. João da Barra, sem culpa formada e sem que se resolvam a pólo em liberdade.

Diz-nos o queixoso que seu filho, soldado de infantaria 5, desertou do exército por ocasião do desembarco, por não querer servir essa situação, tendo-se depois batido no Monsanto, contra os monárquicos.

Foi preso numa rusga, sendo injusta e arbitrariamente considerado como vadio, pois se encontrava empregado na Exploração do Porto de Lisboa.

Tem visto que indivíduos presos nestas e noutras rusgas posteriores tem sido submetidos a julgamento e postos em liberdade, embora muitos deles tenham largo cadastro, ao passo que ele, com quem não acontece o mesmo, continua encerrado numa prisão, parece que esquecido.

Reclama, pois, que seja tomada uma resolução a seu respeito e que, apesar de se ter batido pela República, em Monsanto, julgam dever submetê-lo à acção do fôro militar pelo facto da deserção, que o façam sem demora e que se decida da sua situação, subtraindo-se ao poder civil que não ata nem desata a seu respeito.

O pobre pai, que é empregado de bordo, effectua já duas viagens de longo curso e por duas vezes tem vindo encontrar seu filho sob ferros da República que ele tem defendido com o entusiasmo dos seus 22 annos e que assim lhe paga o seu esforço.

Câmara Municipal de Lisboa

A questão das carnes

A União dos Comerciantes de Carnes Verdes teve ontem, nos Paços do Concelho, uma demorada conferência com a Comissão Municipal dos Abastecimentos acerca da momentosa questão das carnes e em especial sobre a possibilidade de ser a câmara a única compradora de rezes e a fornecedora dos talhos municipais e particulares. Atendendo à falta de gado vacum no continente discutiu-se a hipótese da câmara, por intermédio da sua Comissão Municipal de Abastecimentos, importar directa e semanalmente até 20 toneladas de carne congelada pelos vapores da Mala Rial Inglesa.

A Comissão Municipal de Abastecimentos reconheceu que com esta medida da consegua o abastecimento à cidade da seguinte género de alimentação sem agravamento do seu preço e até com alguma redução naquelle porque actualmente a carne está sendo vendida, mas não tomou, porém, resolução alguma definitiva sobre o assunto.

Cinco de Outubro

Independentemente dos convites especiais que pelo governo devem ser feitos a determinadas entidades officiais, a comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa resolveu por intermédio da imprensa convidar os centros e mais agremiações republicanas, corporações varias, juntas de freguesias e o povo de Lisboa a incorporarem-se no cortejo que no dia 4 de Outubro deverá realizar-se pelas 15 horas, em romagem ao cemitério do Alto de S. João, para expargir flores sobre as sepulturas de Miguel Bombarda, Cândido dos Reis e outros republicanos que perderam a vida em defesa dos seus ideais, manifestando assim o seu sentimento pela perda de tam prestantes cidadãos.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

União dos Sindicatos Operários de Lisboa. — Reinú a comissão administrativa, que anulou a convocação da assembleia de delegados para hoje, em virtude de muitos aiazeres. Também nomeou delegados ao comício promovido pelo caixeiro em prol das 8 horas de trabalho, comício este que se realiza hoje, pelas 21 horas, na rua António Maria Cardoso.

Reinú hoje, pelas 20 horas, esta comissão para se occupar de outros assuntos.

Federação Nacional da Construção Civil. — A comissão que foi a Pero Pinheiro tratar da questão da Cooperativa de Cantarias, trouxe a aprovação da assembleia ali realizada, de que todo o activo e passivo passará doravante à Organização Sindical do Trabalho (Conselho Técnico) que em breve vai começar com a exploração de cantarias naquella região.

Sindicato Unico Metalúrgico. — Para resolver assuntos que se prendem com a abertura das aulas de instrução primária e Esperanto e ainda para tratar sobre o caminho a seguir na probabilidade de uma condenação dos jovens sindicalistas metalúrgicos e igualmente sobre a continuação da prisão do camarada Pêixe, reinú hoje o Conselho Técnico e de Melhoramentos, juntamente com a Comissão Administrativa e Caixa de Solidariedade.

Pede-se a comparencia de todos os membros e previne-se que se acha aberta a inscrição de metalúrgicos para o curso de Esperanto.

Na reunião de ontem resolveu-se patrocinar a constituição e funcionamento de uma Juventude Metalúrgica, a qual tem um programa de acção, que se conjuga com a acção do Sindicato.

Serradores. — Em assembleia geral, reuniu esta classe, resolvendo introduzir algumas modificações no regulamento da caixa. Na reunião foi censurada asperamente a attitude de alguns camaradas das obras do Estado, que costumam ir trabalhar para obras particulares, manhãs, tardes e domingos, fazendo-lhes suplementares em prejuizo de camaradas sem trabalho, o que é verdadeiramente um crime. Em face dessa attitude foi aprovada uma proposta do camarada José Quairos para que a esses indivíduos fossem applicadas as seguintes penalidades: Pela primeira vez, a multa de 500, pela segunda vez a multa de 1000 e, na reincidência, ser espolio de socio e perseguido pela organização. Dado o caso de se recusar ao pagamento da multa, será imediatamente espolio, entregando-se o assunto à comissão permanente da federação.

Foi também aprovada, para este effeito, a nomeação de 10 fiscaes das horas suplementares, que estarão em contacto com a direcção para esta immediatamente proceder e publicar os nomes desses indivíduos, tornando-os conhecidos como prejudiciais à organização.

Serventes Pedreiro e Estudadores. — Na reunião magna do pessoal do Parque Eduardo VII depois de alguns camaradas exporem o que se tem passado, foi resolvido ir juntamente com a comissão Inter-Sindical, os camaradas António Abreu, Daniel dos Santos Carvalheira e Matias Sequeira, avistar o sr. Alfredo Franco. O resultado das *duarques* serão comunicadas ao pessoal do referido parque. Na reunião ficou assente que todos os camaradas deveriam comparecer hoje ao serviço. Foi aprovada a seguinte proposta do camarada Carvalheira.

Construção Civil. — Comissão Inter-sindical. — Reinú hoje a assembleia de delegados com a Federação.

LISBOA SUJA

As consequências do jogo

Um empregado no comércio que tinha perdido ao jogo quantias pertencentes à casa onde trabalhava, agride um batoteiro

Na rua 1.ª Dezembro, 59, 1.ª, está instalada uma casa de jogo, a que dão o nome de *Club Internacional*, pertencente a um tal Segundino Afonso, espanhol, que em tempo residia na rua Visconde Valmor, 7, 1.ª, e que actualmente habita em Algés. Esta casa tem como gerente um irmão do proprietário, de nome Manuel Afonso, residente na travessa Nova de S. Domingos, 34, 3.ª, possuindo também o Segundino uma outra casa do género em Paço de Arcos a qual ele dirige, sendo, pois, autêntico gatuno. Há questão de cinco dias que ao *Internacional* lá todas as noites jogam quantias grandes, um empregado de um escritório da Balsa, o sr. Arthur Garcia Coelho, de 24 annos, solteiro, e residente na rua das Orlas, 68, 1.ª, sendo a última quantia que jogou de 30000, dinheiro que pertencia à casa onde está empregado e que dali o tirou num momento de irreflexão.

Anteontem, o sr. Coelho dirigiu-se ao *Club*, e falando com o gerente da casa, contou-lhe a falta que tinha cometido e de joelhos, chorando como uma criança, pediu-lhe para que lhe restituísse os 30000, visto que a casa já estava de ganho com 60000 que ele dias antes ali deixara ficar. O gerente respondeu-lhe que nada podia fazer, e por consequência, esperasse a vinda do dono da casa porque só esse o podia atender.

Como o rapaz esperasse toda a noite e o dono da casa não apparece, voltou ali ontem e dirigiu-se ao Segundino, que apesar do rapaz lhe cair aos pés de joelhos, banhado em lágrimas, e invocando dois filhos que tem, não o atendeu, dando em resultado o Coelho puchar de um canivete e dar-lhe uma lacada no lado direito do peito. O agressor após a agressão correu em direcção ao civico 476 e entregou-se à prisão, contando ao referido guarda a razão do seu procedimento.

O Segundino foi pensado no Banco do hospital de S. José, recolhendo depois de pensado, a casa.

O irmão do agredido dirigiu-se depois à esquadra do Teatro Nacional, e uma vez ali, cresceu para o preso com o fim de o agredir, o que certamente teria feito se lho não houvessem impedido os guardas que ali se encontravam.

Foi-lhe logo dada voz de prisão a qual se não manteve em vista de uma ordem emanada do officio de serviço no Governo Civil, o que comprava a protecção que os repugnantes batoteiros merecem às autoridades, que tão facilmente prendem os operários.

Em face deste revoltante caso, quando é que o sr. Sá Cardoso se resolve a acabar com o jogo, reprimindo-o severamente, perseguindo como criminosos da pior espécie os indivíduos que dele vivem? Ou só terá energia para perseguições à organização sindicalista?

Manipuladores de Borracha. — Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Reinú em assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, sendo deliberado conservar-se em sessão permanente até ultimar os seus trabalhos.

Últimas notícias

A agitação social na Inglaterra

O governo quer luta com ferroviários — A paralisação é completa

LONDRES, 28. — Segundo o comunicado official verificado, que a interrupção do serviço de comboios é completa. Nas provincias não se deu ordem alguma.

O governo resolveu lutar energicamente, tomando todas as medidas necessárias.

N.º 215 de A BATALHA Folhetim N.º 21

O CALVÁRIO

POUR
OCTAVE MIRBEAU

III

E recordava, com frequência, uma frase de Lirat, de uma concisão terrível, de um critério profundo.

Tinhamos assistido às exequias do grande pintor M... O célebre autor dramático D... vestia de luto. No cemitério, pronunciou um discurso. Isto não espantou ninguém; não eram M... e D... iguais em renome? Terminada a cerimónia, Lirat travou-me do braço, e voltámos a pé, muito tristes, para Paris. Lirat parecia absorvido em dolorosas reflexões; guardava silêncio... Bruscamente, parou, cruzou os braços, e baliçando a cabeça, com aquele modo que ele tinha, comico à força de gravidade, exclamou: «Mas quem é D...? Que ligação há entre os dois, hein? Dize! E era justo. Que ligação havia, na verdade? Vinham, acaso, da mesma raça ou caminhavam para a mesma glória: o artista altivo, de pensamentos

grandiosos, de obras imortais, e o outro, cujo ideal era divertir, à noite, com as suas bagatelas chatas, uma assembleia de burgueses enriquecidos e refastelados?... Sim, em verdade, não havia nada de comum entre eles.

Tão longe estava destes sentimentos agressivos que, depois de jantar, tendo passado pelas avenidas, feliz de um bem-estar físico que dava aos meus movimentos uma ligeireza e uma elasticidade particulares, sentava-me em uma cadeira do teatro das Variétés, onde se representava uma opereta que estava fazendo sucesso. Com o rosto deliciosamente fustigado pelo frio de fora, o coração completamente aberto à indulgência universal, sentia-me, em verdade, alegre. Porquê? Não o sabia, e pouco me importava sabê-lo, uma vez que não estava disposto para entrar em investigações psicológicas sobre mim mesmo. Tinha chegado em um entre-acto, e a multidão apinhava-se, elegante, nos corredores. Depois de ter deixado o sobretudo no vestuário, dei volta às frisas com aquela suave impaciência, aquela acariiciadora angústia já experimentada no Bois, e subi ao andar superior, continuando o mesmo escrupuloso exame aos camarotes. «Porque não estará ela aqui?» pensava eu. Cada vez que não distinguia nitidamente a fisionomia de uma mulher, ou porque ela estivesse inclinada, ou afogada em sombra, ou escondida atrás do leque eu dizia sempre: «É Juliette!» E afinal, nunca era Juliette.

A peça divertiu-me; ri, francamente, com os pesados gracejos que eram todos

o seu espírito; toda essa inépcia sinistra, toda essa grosseria reles, me encantaram, e achei-a, com a maior seriedade do mundo, uma ironia a que não faltava literatura. Nas cenas de amor, entretenci-me. No último intervalo, encontrei um rapaz que mal conhecia. Satisfeito de poder desparar sobre alguém as comunicativas banalidades que se amontoavam em mim, agarrei-me a ele.

—Surpreendente, esta peça!— disse-me ele.—Extraordinária, meu caro!

—Sim, não é má.

—Não é má! Não é má... É uma obra prima, meu caro, uma obra prima surpreendente!... Eu, do que gosto mais, é do segundo acto... Há ali uma situação... uma situação de uma força!... É de alta comédia!... E o guarda roupa!... E a Judie? Ah! a Judie!

E batia na perna, dando ao mesmo tempo estalos com a língua.

—Isto excita-me, meu caro!... É surpreendente!

Discutimos assim o mérito dos diversos actos, das diferentes cenas, dos vários actores... Quando nos iam separar, pergunteli-me:

—Diga-me: não conhece uma tal Juliette Roux?

—Espere! Perfeitamente!... Uma morenita, muito chic?... Não, estou confundido... espere!... Juliette Roux... Não conheço.

Uma hora depois, abancava em frente de uma soda-water, no café da Paz, onde era costume reunirem-se à saída dos teatros, os melhores exemplares do

mundo galante. Muitas mulheres entravam e saíam, insolentes, ruidosas, cobertas de uma camada de pó de arroz e os lábios pintados de vermelho. Na mesa vizinha da que eu ocupava, uma loira já durazia, muito animada, contava não sei o quê, com uma voz enrouquecida pela orgia; uma outra, mais longe, morena, requetevava-se, com a magestade comica de um peru: com a própria mão com que tinha remexido o estrume nos patios da herdade, manejava o leque, enquanto o homem que a acompanhava, recostado em uma cadeira, com o chapéu deitado para traz e as pernas alargadas, chupava obstinadamente o castão da bengala.

Um invencível desgosto subiu-me do coração aos lábios senti vergonha de estar ali, e comparava os modos ridículos e espalhafatosos daquelas mulheres com o porte reservado da doce Juliette, na atelier de Lirat. Aquelas vozes roucas ou berrantes tornavam mais suave ainda a frescura da sua voz, daquela voz que eu ouvia sempre, dizendo-me: «Com muito prazer... Mas já o conhecia há muito.» Levantei-me...

—Que canalha, aquele Lirat!— exclamei ao meter-me na cama, furioso por ele haver assim tratado uma mulher que eu não encontrara, nem na rua, nem no Bois, nem no restaurante, nem no teatro, nem no café nocturno.

IV

—A senhora Juliette Roux, está?

—Se o senhor quer entrar?...— disse-me a criada.

Sem perguntar o meu nome, sem esperar a minha resposta, fez-me atravessar uma pequena ante-câmara, muito escura, e conduziu-me a um aposento, onde eu não distinguia, ao princípio, mais do que um candieiro coberto com um grande guarda-vistas cor de rosa, e que ardia suavemente a um canto. A criada aumentou a luz, e levou uma capa de peles que estava sobre um divan.

—Vou prevenir a senhora— disse ela.

E desapareceu, deixando-me só.

Eis-me em casa dela!... Há oito dias que me não abandonava a ideia desta visita... Não tinha nenhum plano, nenhum projecto. Desejava ver Juliette, eis tudo! Qualquer coisa semelhante a uma curiosidade muito viva, que eu não analisava, atraía-me para ela... Diversas vezes tinha ido à rua de Saint-Pétersbourg, com a intenção bem firme de me apresentar em casa dela; mas, chegado o momento, faltava-me a coragem, e ia-me embora sem ter conseguido decidir-me a franquear a porta da sua casa.

Neste momento, eu era o homem mais embaraçado do mundo, e arrependia-me daquela tolice, porque era uma tolice, evidentemente... Como me receberia ela?... Que lhe diria eu?... E' verdade que me tinha convidado... mas recordar-se-ia ela de mim?... O que, sobretudo, me inquietava, era que, por mais que apelas para a inteligência, não achava a menor frase, a menor palavra para começar a conversação, quando Juliette aparecesse!... Se ia fi-

car calado, de boca aberta, que ridiculizava a minha resposta, fez-me atravessar uma pequena ante-câmara, muito escura, e conduziu-me a um aposento, onde eu não distinguia, ao princípio, mais do que um candieiro coberto com um grande guarda-vistas cor de rosa, e que ardia suavemente a um canto. A criada aumentou a luz, e levou uma capa de peles que estava sobre um divan.

—Vou prevenir a senhora— disse ela.

E desapareceu, deixando-me só.

Eis-me em casa dela!... Há oito dias que me não abandonava a ideia desta visita... Não tinha nenhum plano, nenhum projecto. Desejava ver Juliette, eis tudo! Qualquer coisa semelhante a uma curiosidade muito viva, que eu não analisava, atraía-me para ela... Diversas vezes tinha ido à rua de Saint-Pétersbourg, com a intenção bem firme de me apresentar em casa dela; mas, chegado o momento, faltava-me a coragem, e ia-me embora sem ter conseguido decidir-me a franquear a porta da sua casa.

Neste momento, eu era o homem mais embaraçado do mundo, e arrependia-me daquela tolice, porque era uma tolice, evidentemente... Como me receberia ela?... Que lhe diria eu?... E' verdade que me tinha convidado... mas recordar-se-ia ela de mim?... O que, sobretudo, me inquietava, era que, por mais que apelas para a inteligência, não achava a menor frase, a menor palavra para começar a conversação, quando Juliette aparecesse!... Se ia fi-

candelabro gotas ainda vivas de sangue!... Examinava o aposento onde Juliette entraria de um momento para outro!... Era um quarto de vestir, servindo ao mesmo tempo de sala.

A impressão que tive foi desagradável. O lavatório desastrosamente arrumado, com as duas bacias de cristal rosa, estaladas, indispoz-me. As paredes e o tecto, forradas de setim vermelho berrante, os móveis em seda bordada, os reposteiros espalhafatosos, adornos muito caros e muito feios, espalhados pelos móveis; as mesas extravagantes, sem destino, os consolos carregados de bugigangas; tudo, enfim indicava um gosto vulgar.

Notei, ao meio do fogão, entre duas jarras de onyx, massigas, um Amor, em barro, arqueando o peito, fazendo uma careta graciosa, e oferecendo uma flor, com os dedos muito abertos. Cada coisa revelava, ali, o amor ao luxo caro e grosseiro, uma tendência regressiva ao romance, à ternura amenizada. Era ao mesmo tempo pungente e sentimental.

Por tanto, e isso causou-me satisfação, eu não encontrava a desordem, o inesperado, o escandaloso dos aposentos das mundanas—esses aposentos que indicam uma existência desviada; onde se pode, pelo número de objectos empilhados, contar o número dos amantes que passam por ali, amantes de uma hora, de uma noite, de um ano; onde cada móvel grita um impudor e uma traição; onde se vê sobre qualquer guarda-joias a agonia de uma fortuna, sobre um mármore os vestígios ainda quentes de uma lágrima, sobre um

MAQUINAS DE ESCREVER

Unica officina no pais devidamente montada para as suas reparações e reconstruções

PRAÇA LUIZ DE CAMÕES

(Esquina da Rua do Mundo)

TELEPHONE — 3.066-C.

Calçado Barato

Só vende o

CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do chafariz)

OURO!!!

Mais barato e não se paga feição—

Só milagre!!!

OURO

Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feição.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoias

TELEPHONE 3676

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam de impureza do sangue. Centenas de pessoas se tem curado. Trata-se de todas as doenças por meio do soro. Pacotes, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, res-do-chão, directo, à Estrela.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Sorteio e juros de obrigações

No sorteio de 49 obrigações a que hoje se procedeu, saíram sorteadas para amortização as seguintes obrigações:

76, 126, 488, 607, 619, 636, 795, 822, 1046, 1057, 1071, 1077, 1119, 1159, 1239, 1240, 1263, 1320, 1428, 1449, 1584, 1744, 1790, 1917, 2008, 2016, 2151, 2178, 2227, 2310, 2376, 2459, 2509, 2517, 2902, 2958, 3041, 3058, 3191, 3258, 3263, 3328, 3348, 3389, 3504, 3542, 3746, 3964, 3993.

O pagamento das obrigações sorteadas, dos seus respectivos juros e das obrigações em circulação, efectuar-se-á no escritório da Companhia, rua dos Fanqueiros, 270 a 276, desde 1 até 15 de Outubro, em todos os dias úteis das 13 às 15 horas, e depois em todas as quartas feiras seguintes às mesmas horas.

No Porto este pagamento efectuar-se-á como o costume, no escritório desta Companhia, rua de Passos Manuel, 49 a 51, no dia 16 de Outubro p. f., e em todas as quintas feiras seguintes às horas acima indicadas.

Lisboa, 27 de Setembro de 1919.

Pela Companhia do Papel do Prado, Os directores,

(aa) António Centeno

António G. Viana de Lemos.

A BATALHA em Braga

Vende-se na BARBEARIA RIO.—Rua da 56, 87.

Boa ocasião de comprar barato

Só na SAPATARIA BRASIL ou ROYAL na Rua da Madalena, 206 a 208 e 210 a 22

é que todos devem comprar o seu calçado com economia e bom acabamento

SEMPRE SALDOS!

Sortimento de calçado para homem, senhora e criança

DESCONTOS A TODOS OS OPERARIOS

Banco Português e Brasileiro

SEDE

Rua Augusta, 34—Lisboa

FILIAL

P. Almeida Garrett—Porto

CAPITAL:	RESERVAS:
Esc. 10.000.000\$00	Esc. 7.905.000\$00

Agentes em todo o país

Depósitos à ordem e a prazo em moedas portuguesas e estrangeiras

Compra e venda de câmbios

Correspondentes em todas as principais praças do mundo

Operações bancárias de todos os géneros

Cartas de crédito e circulares sobre todos os países

Jesus na Guerra

O mártir de Golgota volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária, há perto de dois mil anos efectuada. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo recomeça predicando a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o compreendem. E Jesus morre, uma segunda vez, na apostolado sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adrian del Valle, fantasia concebida em intuitos de evangelização revolucionária e emancipadora.

Jesus na Guerra

Um elegante volume, artisticamente agasalhado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

A Minha Defesa

por Jorge Etievant

Auto-defesa do autor no tribunal, é uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pedidos desde já à administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38, ou na administração deste jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

RAZÃO

(Poemeto social)

O inteligente operário gráfico Alfredo Neves Dias compôs um interessante poemeto social, cujo produto líquido reverte a favor do jornal A Batalha. Trata-se de uma pequenina obra, inspirada e sincera, tecnicamente perfeita, que se lê com agrado, pelas suas passagens atraincentes.

RAZÃO

que se apresenta modestamente tem contudo um real valor.

Um folheto impresso em magnifico papel.

PREÇO \$05 centavos (50 réis)

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

"A ABASTECEDORA"

Companhia Portuguesa — Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, em organização

Capital inicial: QUINHENTOS MIL ESCUDOS (500 contos)

Podendo elevar-se até dez milhões de escudos (10.000 contos) em acções liberadas de esc. 10\$00

Sede provisória: R. Nova do Almada, 95, 2.º — LISBOA

Esta Companhia destina-se especialmente à venda ao público, em todo o país, em estabelecimentos próprios e nas suas agências, de todos os géneros de primeira necessidade, pelos mais reduzidos preços, a fim de conseguir a redução do custo da vida.

Aceitam-se pedidos de acções, sujeitos a rateio, até 15 de Outubro. Envia-se gratis o programa a quem o pedir.

A Rússia Nova

por Henriette Roland

Introdução de Perfeito de Carvalho

O sumário desta utilíssima brochura dá já uma ideia do seu valor. Trata ela da "Constituição actual da Rússia. — Estudo de um novo regime social. — Os Soviets e a sua obra. — Abolição da propriedade privada e reforma agrária. — Os serviços de instrução na Rússia. — Os factos principais ocorridos no primeiro ano da ditadura proletária vigente na Rússia são aqui amplamente estudados, sobre textos de Oulianof (Lénine), de Lunacharsky e de outros vultos proeminentes da República dos Soviets. Toda a legislação do regime novo é analisada no seu aspecto essencial.

Uma bela brochura de 32 páginas, composição compacta, capa a cores.

Preço \$10 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelarios

Grande sortimento em chapéus, lisos e meados em cores lindíssimas, formados dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE COCO, SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

Estabelecimentos

Sede: 31, Rua Fernandes da Fonseca, 3.º

1.º Sneurol: Rua dos Poiais de S. Beato, 74, 74-A.

2.º Sneurol: Rua do Corpo Santo, 29.

3.º Sneurol: Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58.

FABRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo) (82)

Escola Académica

A mais antiga e frequentada escola particular do país

Calçada do Duque, 20 LISBOA

Telefone 819 — Teleg. ACADÉMICA

Classes infantis regidas por mestras portuguesas e estrangeiras, instrução primária e curso dos liceus. CURSO COMERCIAL em 4 anos, modularmente organizado e brilhantes e comprovados resultados práticos. Recebe alunos internos, semi-internos e externos, ministrando-lhes, a par dos melhores confortos, sólida instrução literária e esmerada a educação intelectual, moral, cívica e física.

512 aprovações no último ano lectivo

Entregam-se ou remetem-se gratuitamente para qualquer ponto brochuras ilustradas com todas as condições de matrícula. (508)

Serralharia Artística

DE

Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTISTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

RIPOLIN

MARCA REGISTRADA

À venda em todas as drograrias

DEPÓSITO GERAL:

Charles Creange

159, Rua dos Douradores, 1.º E. — LISBOA

TELEPHONE CENTRAL 616

DINHEIRO

A MODERADA — Empréstas sobre joias, ouro, prata, papeis de crédito, mobília, etc. Compra-se sucata de ouro

Vende-se calçado de toda a qualidade mais barato e mobílias

Comprim-se cautelas dos Monte-pios Geral e Commercial

COMPRA-SE E VENDE-SE OURO

RUA ALVES CERREA, 171-173 — (Frente R. Carrião) — TEL. 3.256

BENTO, SILVA PINTO, L.ª